

2. Os conceitos geradores da exposição

Mário Moutinho

A exposição *Baixa em Tempo Real*, é uma iniciativa de uma instituição de ensino universitário. Neste contexto tem missões gerais e específicas que importa respeitar: **ensinar, investigar e demonstrar.**

No primeiro caso, cumpre-lhe **ensinar**, ou mais propriamente no âmbito da reforma de Bolonha, proporcionar os recursos necessários para a implementação de um espaço de ensino/aprendizagem aberto, onde docentes e discentes percorrem um processo de construção de competências, que permitirão a ambos a sua integração na vida do país. Espaço de ensino/aprendizagem que esteja atento ao mundo em que vivemos, tanto quanto ao mundo que cada um sonha, para o tempo presente e certamente para tempo futuro.

Cumpre também **investigar**, no sentido que isso significa ligar a universidade ao mundo que a rodeia, procurando a compreensão, parafraseando Joel Rufino¹, “do rio da história social e económica e tecnológica em simultâneo com o rio do mito”. Dos rios, onde um é de margens largas com correntes incontornáveis, que traduzem o sentido da história presente e futura, e outro, ou melhor outros rios, de margens mais indefinidas, que percorrem a sociedade de diferentes formas, adaptando-se aos tempos e às forças que aparentemente ou não, expressam o espírito do tempo e dão novos sentidos aos mitos.

¹“O passado é uma planície. Onde correm dois rios. Um tem margens precisas. É o rio da História. Outro não tem margens. É o rio do mito. Nós fazemos com que estes dois rios se encontrem” Joel Rufino, texto retirado da exposição dos 500 anos da descoberta do Brasil citado por Manuel Tavares Gomes, Enquadramento: história, mito e filosofia, Revista PerCursos, Centro de Ciências Humanas e da Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina ,v. 10, n. 02, p. 56 - 76, jul./dez. 2009 Pág. 57, (ISSN 1984-7246)

Neste quadro a Exposição orientou-se para um olhar sobre a Baixa que desse conta do seu tempo presente, na sua complexidade. Um tempo presente, de vida renovada pela reapropriação dos espaços por diferentes setores da sociedade, onde o antigo e o moderno, na memória construída ou no olhar do momento, reencontram um espírito para cada lugar, um valor pessoal e intransmissível, ou simplesmente um lugar de encontros.

Cumpre também à universidade assegurar que a compreensão (forçosamente fruto de uma construção social) do mundo em que vivemos, tem raízes na realidade e expressa desejos e ambições de cada um, é uma compreensão que podendo até ser de natureza filosófica ou poética, não deixa de ser agente de mudança ao serviço do desenvolvimento da própria sociedade e sobretudo das pessoas que a compõem. Pensamos naturalmente na compreensão que dá sentido à cidadania. Mas para demonstrar é preciso adaptar os conteúdos, fruto dos processos anteriores, aos condicionalismos materiais e políticos, os quais no fundo farão que esta como outras exposições possam abrir-se aos públicos, deixando de ser apenas um projeto para passar a ter um lugar, qualquer que ele venha a ser, nos rios de margens estreitas e de margens largas. Trata-se do desafio da Sociomuseologia sobre o qual o Departamento de Museologia tem vindo a centrar uma parte considerável da sua atividade. Uma Sociomuseologia que traduza o esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea, abrindo o museu ao meio e reforçando a sua relação orgânica com o contexto social que lhe dá vida.

Uma Sociomuseologia que se constitui

progressivamente como uma área disciplinar de ensino, investigação e atuação, que privilegia a articulação da Museologia com áreas do conhecimento mais consolidadas ou, pelo menos, mais atentas ao mundo presente. E isto pelo simples facto que é em relação ao tempo presente, que todas as ciências/disciplinas/áreas do saber, podem envolver-se na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Uma Sociomuseologia que assegure uma abordagem multidisciplinar visando consolidar o reconhecimento da Museologia como recurso para o desenvolvimento da Humanidade, assente na igualdade de oportunidades e na inclusão social e económica. Como pretendemos na proposta de definição evolutiva de Sociomuseologia² que apresentámos na XII Conferência Internacional do MINOM-ICOM, a abrangência da Sociomuseologia apoia-se numa vasta documentação que tem de certa forma refletido e orientado a atuação da Museologia nas últimas décadas. Referimo-nos a título de exemplo à Declaração de Santiago do Chile de 1972, à Declaração de Québec (MINOM) 1984, à Convenção sobre a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais (UNESCO), 2005, à Convenção para a salvaguarda do património imaterial (UNESCO) 2003, à Convenção para a proteção do património mundial, cultural e natural (UNESCO) 1972. Em todos estes documentos aparece um traço de continuidade, que indica claramente o alargamento das funções tradicionais da Museologia e o papel que as instituições museológicas deverão assumir na sociedade contemporânea.

Em consequência, quando se trata de investigar diferentes aspetos relacionados

²Evolving definition of sociomuseology: proposal for reflection, Mário Moutinho, Atas da XII Conferência Internacional do MINOM-ICOM, Universidade Lusófona, Lisboa 2007. O MINOM é uma Organização Internacional dedicada aos processos de mudança dos conceitos e práticas da Museologia, com o estatuto de afiliada ao Conselho Internacional dos Museus ICOM

com a Baixa/Chiado Pombalina, no presente como no passado, é incontornável ter em consideração a sua adiada candidatura a inscrição na lista de sítios do Património Mundial estabelecida pela UNESCO, ao mesmo título que o Sítio de Arte Rupestre do Vale do Côa, o Centro Histórico de Guimarães ou o Centro Histórico de Angra do Heroísmo, entre os quase 20 locais que Portugal já pode inscrever nessa lista. Em alternativa, caso o processo de classificação não venha a ocorrer em tempo útil, devemos também considerar a possibilidade de registar a Baixa Pombalina, pelo princípio da precaução, como candidata à inscrição na "Lista do Património Mundial em Risco"³.

Esta candidatura datada de 2004, beneficiou do trabalho de um Conselho Científico nomeado pela Câmara Municipal de Lisboa, o qual foi presidido pela Professora Raquel Henriques da Silva e no qual participaram reconhecidos especialistas (Ana Tostões, José Sarmento de Matos, José Monterroso Teixeira, Maria Helena Ribeiro dos Santos e Walter Rossa), tendo produzido um trabalho da maior relevância, no qual se fundamentou então o essencial da candidatura da Baixa a Património da Humanidade. Infelizmente, à última hora, o Governo Português entendeu não formalizar a candidatura, invocando a não existência de um Plano de Gestão (!). Esta situação mantém-se até ao presente momento sem alteração e por si só justificaria amplamente a presente exposição.

Para o Departamento de Museologia ficou a possibilidade de considerar, como recomendado por esse Conselho, os limites da Baixa Pombalina sobre o qual

³Atualmente apenas a Praça do Comércio está classificada como Monumento Nacional (1910), assim como o conjunto de arruamentos e praças como imóvel de interesse Público (1978)

iríamos incidir a nossa exposição. A saber, e de acordo com o plano de Eugénio dos Santos, o espaço que vai do Terreiro do Paço ao Rossio subindo a colina de São Francisco para nascente e do Cais do Sodré ao Chiado para poente.

A terceira vertente da missão da Universidade é sem dúvida **demonstrar**, na medida em que a demonstração passa pela disseminação do conhecimento e deve dar resposta naturalmente a várias questões.

Assim, a disseminação deve ter em consideração a quem se dirige, a forma mais adequada de comunicação e a boa utilização dos recursos necessários (tradicionais ou tecnológicos) para que esse processo seja efetivo e dialógico. Falamos pois essencialmente da Exposição propriamente dita e nos seus contornos de planeamento, produção e exibição.

No campo da demonstração esta exposição revelou-se ser uma fonte de aprendizagem daquilo que chamaríamos à posteriori de SMART expografia, entendida a ideia utilizada nos mais diversos meios científicos e empresariais desde os anos 80 de SMART, como obrigando do ponto de vista metodológico a ter em consideração as seguintes preocupações: a sua especificidade, a possibilidade de ser avaliada, a sua viabilidade, a sua relevância e finalmente a sua adequabilidade no tempo.

Em primeiro lugar, a exposição deveria **ter objetivos claramente definidos (Specific)**. Na verdade os objetivos foram evoluindo numa primeira fase do trabalho, na medida em que se envolveram de forma crescente novas sensibilidades e competências profissionais e científicas. Entre o primeiro título "1755 Terramoto e reconstrução da cidade de Lisboa", passando por uma segunda proposta "A Baixa Pombalina: os caminhos da História de Lisboa XVIII-XXI", "Baixa Pombalina em Tempo em Real" até ao título selecionado a **Baixa em Tempo Real**, existem diferenças fundamentais, as quais implicariam exposições radicalmente diferentes apesar de em todas elas se priorizar a realidade cultural, social e política da Baixa na atualidade. Se nos primeiros casos se tratava de um discurso mais tradicional, já no último

caso priorizava-se o discurso direto daqueles que de diferentes formas se relacionam com a Baixa lisboeta. Assim nesta abordagem, a documentação, a recolher ou já recolhida junto dos diferentes arquivos, deixou de ocupar um lugar central para que a palavra fosse dada a quem melhor poderia dar a sua explicação, contextualização e propor leituras alternativas. Assim cada um dos vídeos que deveriam tratar diferentes aspetos da Baixa lisboeta deveria ser de certa forma enquadrado por um comentário ou testemunho de alguém que conhecesse cada realidade. A palavra do professor catedrático, deste ponto de vista, passou a ocupar exatamente o mesmo lugar da palavra do morador, do empregado ou do turista.

Em segundo lugar, a exposição deveria poder ser avaliada (**Mesurable**) no seu impacto imediato e distendido. No primeiro caso, naturalmente que um plano de avaliação/estudo de públicos poderia expressar essa relação. Mas quanto ao impacto estendido o processo revelar-se-ia mais complexo. Não por causa da exposição em si, mas pelo facto desta dimensão dos efeitos distendidos das exposições em geral não ser objeto de preocupação no campo dos estudos de público. Também aqui de forma dialética juntaram-se várias abordagens. Uma primeira tem a ver com a necessidade, para nós fundamental, de assumir que os públicos atuais detêm um grau de autonomia na recolha e seleção das suas fontes de informação infinitamente maior que as gerações anteriores. Pensar que se dá resposta à curiosidade das gerações mais novas com discursos formatados pela expografia do exibicionismo como referiu Hugues de Varine, é certamente inconsistente. Mostrar a curiosidade como se mostravam aos reis e rainhas, leões e escravos nos séculos das descobertas, podia ser nesse tempo suficiente, na medida em que essa "pré-museologia" se dedicava ao imediatamente visível. Mas nos tempos que correm, a compreensão faz cada vez mais parte do conhecimento. E disso muitos duvidam, tanto quanto outros valorizam. Neste sentido o alargamento da exposição

ao suporte da internet poderia representar várias vantagens. De forma comum poderia incluir uma página na internet para divulgar, valorizar e dar complementos de informação como praticamente muitas exposições já fazem de forma mais ou menos completa. Mas na exposição Baixa em Tempo Real isso não bastava, pelo que se entendeu que os visitantes deveriam ter acesso à totalidade dos conteúdos para sua utilização fora do espaço expositivo. É mesmo assim essa orientação só seria interessante se fosse possível fazer o *download*, inclusive dos vídeos (cerca de 20) originais que foram produzidos especialmente para a exposição. **Uma espécie de exposição open source.** A avaliação desta exposição passa pois pela reação que possa produzir entre os visitantes, tanto como naqueles que em casa em qualquer lugar do mundo, dela possam beneficiar ou com ela possam interagir.

Em terceiro lugar, a exposição deveria ser viável (*Attainable*) tanto do ponto de vista do conhecimento disponível, como dos recursos humanos e materiais necessários para a sua implementação. Naturalmente que uma exposição produzida por um departamento de uma Universidade não conta com recursos financeiros significativos e não pode naturalmente fazer apelo a empresas externas que atuam geralmente no conforto de administrações públicas "amigas".

Na verdade, raros são esses investimentos por vezes na ordem dos milhões de Euros que são objeto de concursos públicos e transparentes. Mas isto é uma outra discussão. Esta exposição deveria conciliar a comunicação com os recursos tecnológicos necessários, que não se transformassem em obstáculos por efeito da sua difícil aquisição. Neste sentido, a viagem de estudo que o departamento de Museologia realizou em 2008 a São Paulo para estudar os museus desta cidade veio a revelar-se da maior importância. Na verdade a visita ao Museu do Futebol do Estádio do Pacaembu continha, numa das suas áreas uma instalação "inspiradora" da autoria de Daniela Thomas e de Filipe Tassaró. Esta instalação cria uma

proximidade/intimidade com a documentação exposta, particularmente sensível.

Baseada na ideia de galeria do século XVII e XVIII onde as paredes dos "Museus" eram literalmente cobertas de quadros, os autores da instalação introduziram a possibilidade de manipulação de algumas molduras com documentação fixa e em movimento, facto que altera substancialmente a relação com o visitante. A aproximação torna-se obrigatória e a leitura mais próxima. Em consequência, os monitores podem ser de pequenas dimensões, evitando de forma consistente o "apelo à utilização de monitores de grandes formatos" com custos insuportáveis para a produção. A utilização deste conceito e a sua creditação foi resolvida por meio de contactos diretos com a direção do Museu a qual apresentou a nossa solicitação aos autores, que generosamente aceitaram a nossa proposta. Assim, ponderamos a definição de várias camadas de informação.

Uma com um discurso proposto, outra com recursos interativos, outra física com acesso à manipulação e reordenamento da documentação selecionada e uma quarta disponibilizada na WEB. Para cada camada procedeu-se ao estudo e avaliação de diferentes propostas, tendo sempre presente a necessidade de utilizar e ou adaptar os recursos tecnológicos necessários, aos recursos financeiros disponíveis.

Em quarto lugar, a exposição deveria ser relevante (**Relevant**) do ponto de vista social e político. Esta condição é porventura da maior importância. Sem pretendermos ser nem "o velho do Restelo" nem "iluminados", trata-se de ver a adequação do projeto à compreensão social que pode existir à volta do projeto. Mas aqui, de facto, todos os contactos estabelecidos tiveram em comum uma apreciação muito positiva do projeto. Por muitas razões: porque a Baixa está a mudar e é necessário entender os contornos dessa mudança, pelo reconhecimento da Baixa como lugar onde se tem expressado a vontade popular e do poder em simultâneo, ou de forma

alternativa: porque os estudantes Erasmus passaram a habitar na Baixa, porque mesmo em tempos de crise a Baixa recebe grandes investimentos urbanísticos e imobiliários e muitas outras razões. Apenas uma dúvida se instalou pelo facto da classificação/registo como Património Mundial pela UNESCO ter sido abandonada de forma provisória. Se todos concordam em entender a Baixa como lugar central do Património da cidade e de Portugal, nem todos têm as mesmas prioridades. É neste conceito que julgamos poder ser consideradas todas as ações que tornaram a exposição realizável, incluindo a procura e escolha das parcerias. Aqui a procura começou naturalmente pelas Juntas de Freguesia da Baixa - S. Nicolau e Mártires - na medida em que são as duas instâncias de poder local mais próximas da realidade destes bairros e envolvidas com a valorização da Baixa Pombalina nos seus diferentes domínios.

Igualmente na Universidade Lusófona, fizemos apelo à Escola de Comunicação (ECATI), visando envolver docentes e alunos no domínio da Multimédia e Animação Digital e os outros cursos. Também atuamos junto das instituições que abrigam documentação essencial para o projeto e de quase todas recebemos disponibilidade, apoio e aconselhamento. Enfim, foi junto da Associação de Dinamização da Baixa Pombalina que procurámos parceria para o estabelecimento de ligações em tempo real em diferentes pontos da Baixa e dela ouvimos o seu conselho. Toda a equipa envolvida soube ouvir opiniões, sugestões e críticas de todos aqueles que por diferentes razões se envolveram, num momento ou noutro, na conceção da exposição.

Finalmente em quinto lugar, a exposição deverá ter lugar no seu tempo kairológico ou seja no tempo próprio (**Timely**). E este tempo próprio, tanto pode ser o tempo do desafio e mesmo do confronto, como o tempo do consenso e da confirmação. No caso desta Exposição devemos referir duas ordens de consideração. Em primeiro lugar,

tudo leva a crer que ela tem lugar no tempo próprio e que, de certa maneira, ela se adequa aos contornos desse tempo que é um tempo de crise e de retrocesso social e económico. Valorizar a Baixa é pois imperativo na medida em que isso contribui para a sua renovação, reafirma a Baixa como espaço multicultural, do Largo de São Domingos aos Hostels para jovens de todo o mundo, às expressões culturais multifacetadas, coletivas e individuais, à redescoberta de itinerários de Fernando Pessoa ou da Arquitetura Pombalina.

Uma exposição que olha para o seu tempo sem esquecer as raízes. Por outro lado, todo o processo criativo e de produção esteve sempre aberto ao envolvimento de alunos e docentes, não de forma subsidiária mas na convicção que o Departamento de Museologia só assim cumpriria a sua missão **de ensinar, investigar e demonstrar**, contribuindo para a formação de competências enraizadas na reflexão e no saber fazer, tendo em consideração a permanente preocupação de ligar os objetivos, o meio e a exequibilidade.

O processo expográfico

A construção do conceito expográfico teve sempre por base a procura de soluções que pudessem ser implementadas com orçamentos extremamente reduzidos relativamente aos equipamentos a adquirir e aos corpóreos a executar. Por outro lado, também se considerou o óbvio envolvimento académico de profissionais altamente qualificados, tanto ao nível de docentes como de alunos, em particular ao nível de Doutoramento, Pós-doutoramento e de Mestrado nas áreas da Museologia, Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio, e Animação Digital, Cinema e Multimédia existentes na Universidade.

Desde o seu início que o projeto, tratou de assegurar o menor investimento possível em equipamento e maior investimento possível em recursos humanos, mas estes, obviamente não remunerados.

Esta postura esteve sempre presente ao longo do ano de 2012 durante o qual se definiram os objetivos, o guião geral e os caminhos para a sua implementação.

Desenvolver uma exposição para pôr em evidência e valorizar a Baixa como coração cultural de Lisboa, significou desde o início considerar tudo aquilo que poderia ser apresentado no espaço principal na Rua Augusta, em simultâneo com a necessidade de ir ao encontro da descoberta do quotidiano da Baixa. Esta relação tomou a forma do estabelecimento de ligações em tempo real com estabelecimentos comerciais e instituições, as quais, antes de tudo, deveriam acreditar no projeto e em consequência, envolver-se ao mesmo nível de toda a equipa na sua implementação.

Esta abordagem ganhou nova dimensão quando se definiu o envolvimento do Museu da República no Rio de Janeiro, sendo óbvio o idêntico envolvimento do comércio do Bairro do Catete.

A partir da ideia de Tempo Real, entre todos os envolvidos ganhou forma a procura de outros recursos expográficos que pudessem, de diferentes maneiras, introduzir abordagens de leitura que fizessem apelo ao novo grau de maior autonomia dos públicos em particular dos mais jovens. Para estes, o recurso às novas tecnologias de informação e comunicação, fazem parte do seu quotidiano e, em consequência, é cada vez maior o seu grau de exigência. Assim, optou-se por desenvolver um conjunto de instalações que propusessem uma nova luz sobre a Baixa, fazendo apelo à criatividade e imaginação de novos membros da crescente equipa, introduzindo uma dimensão poética e lúdica capazes de, indo além do seu valor intrínseco, suscitar novas leituras, reflexões e aprendizados.

Deve ser referido que neste processo foi da maior importância o apoio recebido por parte do Museu do Futebol no Pacaembú em São Paulo, o qual visitámos no âmbito da viagem de estudo anual, com os alunos

do Departamento de Museologia. Gentilmente foi-nos permitido por Daniela Thomas e Filipe Tessaro utilizar e adaptar o conceito por eles desenvolvido para a Sala das Origens desse museu, onde pequenos/grandes detalhes estabelecem um diferencial relevante no campo da comunicação. A ambos o nosso agradecimento assim como a Leonel Kaz, Curador e a Clara Azevedo, Diretora de Conteúdo, Salvaguarda e Comunicação, que nos apoiaram na nossa pretensão.



47

Determinante também foi a receptividade de todas as instituições que nos facultaram a documentação iconográfica e o manifesto apoio e agrado pelo projeto por parte dos presidentes da Juntas de Freguesia de S. Nicolau e dos Mártires que nos deram o seu conselho e incentivo quanto à necessidade de valorizar tudo aquilo que tem sido feito em favor da revivificação urbana da Baixa.

No projeto inicial foram definidos com alguma rigidez vários módulos no sentido de assegurarem uma lógica de leitura. Assim, cada módulo teria um conjunto

de imagens 2D e vários vídeos, podendo a sua leitura ser até mesmo de natureza cronológica. Cedo nos apercebemos que nem sempre a lógica mais evidente é aquela que melhor nos faz aproveitar o tempo que se passa numa exposição.

Talvez o conteúdo dos vídeos pudesse estruturar as suas possíveis ordens (ou não ordem) de leitura distribuindo-se no espaço em conjugação com as instalações e com o facto de termos um piso térreo com acesso ao subsolo do edifício pombalino e mais dois outros pisos de certa forma indiferenciados, mas permitindo olhar a Rua Augusta com um novo ângulo de visão.

Assim, tínhamos previsto a existência de 6 módulos, com destaque para aquele que trataria da Baixa na atualidade e que eram os seguintes: Lisboa em meados do século XVIII com informação sobre o quadro político do império português com particular referência ao Brasil e assinalando alguns dos maiores vultos da cultura que viveram nesse século;

O terramoto de 1755 com elementos que informassem sobre diferentes aspetos: destruição, incêndio, maremoto, comportamentos sociais; Urbanismo com aspetos do planeamento urbano com base nos diferentes projetos então preparados e nos principais atores da reconstrução, Marquês de Pombal, Eugénio dos Santos de Carvalho, Carlos Mardel e outros;

Arquitetura/Engenharia com elementos que informassem sobre diferentes aspetos da arquitetura pombalina e sua modernidade com base em projetos de arquitetura, engenharia e maquetas;

A Baixa no século XIX e XX com elementos que informassem sobre diferentes acontecimentos marcantes ocorridos na Baixa: Implantação da República, atentado ao Rei D. Carlos, Manifestações durante o Estado Novo, Revolução do 25 de Abril, visita do Papa Bento XVI;

A Baixa contemporânea com diferentes aspetos contemporâneos: a Baixa como centro cultural de Lisboa, imagens do quotidiano,

atividades públicas, marchas, museus, lugares do Fado, comércio antigo e comércio internacional, património religioso.

Deste primeiro alinhamento, no qual reconhecemos hoje os seus limites conceituais, tudo se alterou quando se introduziu a ideia de testemunho de quem vive e conhece a Baixa. Testemunho na primeira pessoa dentro e fora da exposição. O tempo presente ganhou o espaço que pretendíamos mas do qual por injustificadas opções nos tínhamos afastado. Mas, em simultâneo, tomou forma um processo em rede com autonomia crescente por parte de todos os envolvidos.

Na forma que a exposição tem, propõem-se agora um percurso que deambula sobre várias temáticas sobretudo atuais, ou que de certa forma se debruçam sobre o espírito de lugares reais e imaginários, permitindo a construção de vários puzzles.

Assim, propõem-se vários níveis de exploração através das 3 paredes evocando as galerias dos Sec. XVII e XVIII, com molduras de imagens e molduras de videogramas realizados especificamente para a exposição, nos quais se introduz um testemunho presente, passado ou evocado conforme os temas. Utilizando monitores de 19" ou mesmo menores procurou-se suscitar uma aproximação do visitante, necessária para ver e para ouvir. Situação reforçada com a possibilidade de rodar algumas molduras em lugares determinados.

Através das instalações que fazem apelo ao som, vídeo, cheiro, imagem, realidade aumentada, texto, maquetes tridimensionais, modelos 3D e imagens em alto-relevo permitem um envolvimento verdadeiramente físico com temas da exposição, onde de forma mais ou menos lúdica, mais ou menos sensorial se pode construir uma leitura também mais ou menos irreverente interagindo com as propostas instaladas. Assim se torna possível o relacionamento em tempo real com a Baixa real, entrando em lojas e instituições, dialogando com quem deseja dialogar, em Lisboa e no Rio de Janeiro.

Num outro nível toda a documentação iconográfica encontra-se disponível em mesas de grande dimensão, onde sem ordem preestabelecida, cada um pode meter as mãos para selecionar, excluir e classificar de acordo com a sua disponibilidade e porque não, humor do momento.

Sendo certo que se trata de uma exposição para todos, a acessibilidade foi tratada de modo a que pessoas com deficiências motoras, auditivas, intelectuais e visuais possam interagir de forma parcial com estes recursos. Por esta razão, definimos variantes do discurso expográfico que permite o acesso ao conteúdo da exposição de diferentes formas.

Enfim, reconhecendo que o tempo que cada um pode razoavelmente dispor para deambular numa exposição, foi dada toda a relevância ao portal da exposição na internet permitindo, em particular aos visitantes na Rua Augusta e no Museu da República, aceder por meio de uma senha a uma base de dados, da qual podem consultar ou baixar toda a documentação produzida pela exposição sem restrições (multimédia e iconografia 2D), e aquela que foi disponibilizada por cedência, garantindo naturalmente os termos em que nos foi cedida, em particular a limitação da sua definição. Quem visita a exposição tem sempre uma maior atenção da nossa parte, sem excluir naturalmente quem não quis ou pode passar pela Rua Augusta ou pelo Palácio do Catete.

Resta pois saber se conseguimos atingir os nossos objetivos, não só relativamente às obrigações do Departamento de Museologia para com os seus alunos, como relativamente à valorização desta área da cidade de Lisboa, contribuindo para o melhoramento da sua imagem, para uma melhor compreensão e, sem que isso fosse o essencial, contribuir também para a classificação da Baixa enquanto é tempo próprio.

Em síntese, a exposição que agora se apresenta foi fruto de um percurso onde cada um dos membros da equipa teve a oportunidade de contribuir com as suas ideias, sendo certo que nenhuma

estrutura de decisão foi estabelecida. Tratou-se, para o bem e para o mal, de agregar conhecimentos e sensibilidades à volta de um projeto de descobrir e dar a descobrir a Baixa de Lisboa. Como uma reflexão sobre Lisboa mas com uma abordagem que nos parece ser válida para outras Baixas de outras cidades que atravessam dinâmicas de mudança e de permanência. Uma espécie de Baixas onde a memória das coisas e das pessoas se cruzam com o tempo presente em busca de um sentido, que dê sentido ao olhar de cada um.

O acervo iconográfico

A iconografia da Exposição é composta de um lado por reproduções de fotografias, de gravuras, de pinturas, de cartografia, e por outro lado por pequenos vídeos de 3 a 5 minutos. Ao longo deste catálogo é apresentado uma seleção de imagens significativa desta proposta iconográfica, sendo a totalidade disponibilizada no portal na Internet da exposição, da mesma forma que todos os vídeos.

O acervo procurou ilustrar diferentes aspetos da geografia física e da geografia humana deste território, no tempo passado mais ou menos longínquo e no tempo presente. Para tal foi feita uma pesquisa nas seguintes instituições: Academia Nacional de Belas Artes, Arquivo fotográfico CML, Centro de Estudos Olisiponenses, CGTP –Intersindical, Junta de Freguesia dos Mártires e de S. Nicolau, Metropolitano de Lisboa, Museu da Cidade-CML, Rádio Televisão Portuguesa-RTP1.

Em todas estas instituições recebemos sempre o melhor acolhimento e sobretudo conselho, pelo que foi possível reunir um acervo representativo de muitos aspetos dessas geografias.

Assim, foi possível reunir imagens da Baixa/Chiado no Século XVIII, do tremor de terra de 1755 e da sua reconstrução que constitui o quadro urbanístico e arquitetónico desta zona da cidade na atualidade.

Por isso se ilustra o pensamento e forma

urbanística, bem como diferentes aspetos da arquitetura que lhe é própria. Nesta morfologia pombalina foram detalhados alguns aspetos que inevitavelmente confrontam a cada passo os moradores e os visitantes. A Baixa/Chiado como cenário, composto por ruas, praças e elementos de referência que proporcionam percursos de riqueza formal evidente e asseguram modos de orientação transparentes.

Pensamos na arquitetura religiosa que se alinha com o traçado das ruas e que de certa forma traduz o espírito da reconstrução onde o traçado urbanístico condicionou todas as construções. Nesta Baixa/Chiado e no século da Inquisição, este facto que traduz o relevo do poder laico, assume um destaque muito particular. Reunimos imagens do exterior e do interior destas igrejas, algumas delas representadas também em gravuras que ilustram a destruição que sofreram por causa do terramoto de 1755. Conjuntos que ganham grande relevo como junto ao largo do Chiado onde se encontram as igrejas de Nossa Senhora do Loreto, de Nossa Senhora da Encarnação e dos Mártires ou a simples Igreja de Nossa Senhora da Oliveira na Rua São Julião que dificilmente se destaca da fachada do próprio quarteirão.

Ao contrário, o Largo da Igreja de São Domingos marca um lugar que se expressa, talvez com maior força, o território do hibridismo e da (in)tolerância desta zona de Lisboa. Este lugar de encontros e desencontros luso-africanos situa-se em frente desta igreja começada a construir no longínquo século XIII e depois, sempre construída e reconstruída por via de diferentes catástrofes. E é sobre esta igreja, que pertencia ao convento de São Domingues, que é feita a mais antiga menção à “Confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos” de acordo com o alvará de 14 de Julho de 1496,

⁴Filipe Zau, Confrarias de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, http://jornaldeangola.sapo.ao/17/0/confrarias_de_nossa_senhora_do_rosario_dos_pretos, 1.12.2012.

que autorizava os seus confrades a dar círios e a recolher esmolas nas caravelas com rumo a Mina e aos rios da Guiné, na busca de ouro e de escravos⁴. Quanto à Igreja do Carmo hoje transformada em Museu ela é a referência mais forte ao terramoto de 1755, na medida em que não tendo sido reconstruída se apresenta como as ruínas que sobraram e que têm sido mantidas ao longo dos anos.

Igualmente ocupa um lugar relevante um conjunto de elementos escultóricos que pontuam a zona, tornando-se pontos de referência, definindo espaços e marcando alinhamentos e simetrias. Uma espécie de inventário daquilo que Kevin Linch identifica como elementos que estruturam a perceção do espaço urbano. De um modo geral têm por base a mitologia, o poder de reis e dos políticos e a “cultura”.

Vê-se nas figuras de Eça de Queirós da autoria de António Teixeira Lopes (1903), de Fernando Pessoa da autoria de Lagoa Henriques (1988), do poeta do século XVI António Ribeiro, mais conhecido por “O Chiado”, da autoria de António Augusto da Costa Motta (tio) (1925). Enfim o monumento a Camões da autoria de Victor Bastos inaugurado em 1867, rodeado pelo historiador Fernão Lopes, o cosmógrafo Pedro Nunes, o cronista Eanes de Azurara, os historiadores João de Barros e Fernão Lopes de Castanheda e os poetas Vasco Mouzinho de Quevedo, Jerónimo Corte-Real e Francisco de Sá de Meneses marcam 21 o centro do Largo Camões.

Têm lugar de destaque as fontes do Rossio, construídas 1889, uma de cada lado da estátua de D. Pedro IV; a estátua equestre de D. João I, executada em bronze, erguida em 1971, na Praça da Figueira, da autoria de Leopoldo de Almeida; a estátua equestre de D. José I, no Terreiro do Paço, da autoria de Joaquim Machado de Castro, erguida em 1775, no alinhamento da Rua Augusta.

A fachada principal do teatro D. Maria II e da Câmara Municipal de Lisboa apresentam também dois conjuntos escultóricos de grande valor. Representam no primeiro caso Apolo

e as Musas", de Francisco Rodrigues e Manuel da Fonseca e no segundo caso na fachada, da autoria de Ressano Garcia, que é rematada por um frontão triangular, da autoria de Anatole Calmels representando a Liberdade e o Amor Pátrio ladeando as armas da cidade. Na Praça do Município uma escultura abstrata de Jorge Vieira "A Grade" (1998) e no Largo do Teatro São Carlos, uma outra peça intitulada "Homage a Pessoa" de Jean-Michel Folon (2001/2008).

Enfim, no Largo de São Domingos o Memorial ao Massacre Judáico de 1506 da autoria de Graça Bachmann, Carlos Ramos e Segismundo Pinto. Aqui se lembram os factos que Damião de Gois relatou detalhadamente na Chronica do Felicissimo Rey D. Emanuel da Gloriosa Memória.

A Baixa Chiado como lugar de cidadania

A Baixa /Chiado ocupa na história passada e recente, um lugar particularmente relevante como lugar de diferentes poderes. De facto, nestes 700 metros de Nascente a Poente e 1000 metros de Norte para Sul, tiveram lugar muitos dos factos mais determinantes para a sociedade portuguesa. Nenhum outro sítio em Portugal se iguala deste ponto de vista. No Terreiro do Paço e à sua volta se centrou não só o poder da monarquia como o poder da inquisição e o poder da República. Lugar do comércio com o resto do mundo, estaleiro de naus e outras embarcações, o Terreiro do Paço antigo, tanto como o novo no traçado pombalino, abrigou os ministérios do Estado Novo e do pós 25 de Abril. São por isso incontornáveis as imagens que mostram este lugar como expressão desse multifacetado poder como por exemplo a obra atribuída a Francisco Zuzarte existente no Museu da Cidade mostrando o Palácio Real, a Casa da Índia, os Palácios do Conde da Ribeira, do Visconde de Barbacena, do conde de Avintes, o forte com artilharia que protegia o Terreiro, a Casa da Guarda, o Tribunal, as igrejas dos Mártires, de São Francisco, do Loreto de Nossa Senhora da Encarnação, da Patriarcal,

a Torre do Relógio da Cidade e o chafariz com a estátua de Apolo. Com idêntico interesse muitas outras imagens revelam aspetos deste Terreiro do Paço povoado por nobres, religiosos, escravos, mendigos, comerciantes, pais e filhos, casais, grupos e tudo o mais que é possível identificar com detalhe como é o caso da pintura de Dirk Stoop referida ao ano 1662. Lisboa no seu todo, sempre centrada sobre o Terreiro do Paço e o Cais da Ribeira voltada para o rio sempre pejado de embarcações dos mais variados tipos.

Mas também imagens, já fotografias, de um Terreiro do Paço que acolhe reis, rainhas e imperadores no princípio do Século XX, como por exemplo: Afonso XIII de Espanha, rei Frederico do Saxe, Imperador Guilherme II da Alemanha, Rainha Isabel II, Presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek de Oliveira, com paradas militares, palanques reais e tribunas. Mas lugar de comemorações onde também por exemplo se mostra a receção aos aviadores do avião Pátria, Brito Pais, Sarmento de Beires e Manuel Gouveia, que fizeram a ligação Lisboa-Macau, a saudação ao Chefe de Estado e às legações estrangeiras pela vitória dos aliados na Primeira Guerra Mundial e as Comemorações do Duplo Centenário com Oliveira Salazar discursando.

Percorrendo todo o século XX e até aos dias de hoje entre o Rossio eo Terreiro do Paço tem desfilado manifestações, umas em favor do Estado Novo, outras em favor de um desejado novo estado ou mais correntemente como expressão de reivindicações que o tempo não alterou. Operários da panificação em greve, aguardando a comissão que foi agradecer ao ministro do Interior a promulgação do decreto sobre o descanso semanal, manifestação anticlerical promovida pela Associação do Registo Civil de apoio ao ministro da Justiça, António Maceira, Greve de varinas aguardando a comissão que foi falar com o secretário do presidente do Concelho e manifestação na praça do Comércio por ocasião de uma greve dos elétricos. Nos cartazes pode ler-se: "Viva o Livre Pensamento",

“Abaixo os Jesuítas”, “Viva a Liberdade”, “Viva a Lei da Família” ou ainda “Viva o Registo Civil Obrigatório”.

Mais perto de nós, já depois do 25 de Abril, percorreram este espaço manifestações de apoio à Reforma Agrária, contra o aumento do custo de vida, contra a política do Governo da AD, comemoração de aniversários do 25 de Abril, dos Deficientes das Forças Armadas, apoio a Greves Gerais, contra a lei dos despedimentos (lay-off), contra os salários em atraso e a retirada do 13.º mês (1983). Mais recentemente as manifestações de protesto contra a “Troika”. Paradoxalmente muitos dos cartazes mantêm uma atualidade evidente “contra o aumento do custo de vida”, “Apoio à nacionalização da Banca”, “Por salários justos”, “Reformados com pensões de miséria é miséria do Governo”, “Forças Armadas não podem abandonar os seus deficientes”, “A Saúde não se paga - a Saúde é um Direito”, “Jovens de Torres Vedras contra os Contratos a Prazo”, “FMI Fora daqui” (1983), “Contra o roubo dos 28% do 13º mês”. Nos tempos que correm os cartazes dizem “O povo está em Luta”, “Povo calado é Povo Enganado”, “Contra a Exploração e Empobrecimento - Mudança de Política”, “Lutamos por nós pelos filhos e avós”, “Pelo Direito ao Trabalho”.

Também o Terreiro do Paço foi palco de momentos determinantes no 25 de Abril, na medida em que o local do poder representado pelos Ministérios seria obrigatoriamente e sobretudo na medida do seu simbolismo, ocupado pelas tropas do Movimento dos Capitães. No Largo do Carmo a rendição do já anterior regime faz parte da memória de muitos portugueses, tanto como noutra lugar a ocupação da Legião Portuguesa no Palácio da Independência junto ao Rossio. Na Rua Augusta, militares e população festejam e discutem e no Rossio passeiam entre os tanques do Movimento. De todos este “acontecimentos” se reuniu documentação iconográfica que testemunha ou simplesmente evoca processos

profundos de mudança e permanência de paradigmas contradições e aspirações da sociedade portuguesa.

A Baixa como lugar de sociabilidades

A Baixa Chiado como lugar de multifacetadas expressões artísticas, umas mais ou menos espontâneas e outras fruto de iniciativas mais organizadas são, certamente, uma dominante dos tempos que correm. São manifestações que tornaram este espaço o verdadeiro coração cultural de Lisboa. Dia e noite, durante a semana e no fim de semana, consoante as estações do ano, diferentes grupos sociais elegem este espaço como lugar de encontro, de lazer, de aprendizagens. Jovens e menos jovens, nacionais e estrangeiros vindo de todo o mundo, aqui encontram uma oferta cultural ou se assumem como atores de diferentes expressões artísticas. A Baixa de hoje, para lá da oferta institucional produzida por Teatros, Museus e associações, é palco de iniciativas que usam a RUA como lugar de celebração. Os desenhadores de chão praticamente desapareceram, dando lugar a estátuas mais ou menos vivas, mais ou menos interpeladoras dos passeantes, evocando os mais variados temas. Cantores e instrumentista, isolados ou em grupo, poetas, malabaristas e mágicos, atraem a atenção a cada passo introduzindo na paisagem urbana novas referências e significações.

De forma mais organizada outras instituições propõe festivais de rua como a “Moda Chiado” no Largo de São Carlos, Feiras de Livros e de Artesanato na Rua Anchieta, a Grande festa do Orgulho LGBT ou o Festival dos Oceanos no Terreiro do Paço. Nos corredores do metropolitano, em particular na estação do Chiado, uma programação diária reúne multifacetadas expressões artísticas para fruição dos utilizadores e daqueles que simplesmente percorrem os corredores e escadas rolantes para ir da Baixa até ao Chiado.

De todas estas manifestações se reuniu

esta Baixa/Chiado multifacetada e multicultural. Um acervo, que como qualquer outra seleção, apresenta lacunas resultantes da subjetividade da escolha. Um acervo que na verdade apenas procura abrir algumas portas para percepção deste espaço tão significativo na História e no presente do país. É neste sentido que a maioria dos vídeos criados para esta Exposição são enquadrados pela fala de quem pode dar pontos de referência para a compreensão de cada tema. São falas que não procuram apresentar pontos de vista conclusivos, mas antes pelo contrário, suscitar a reflexão e a interrogação de quem os vê.



48



49, 50



52



51, 53, 54,